

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ENSINO DA PSICANÁLISE

Kama Sutra
Aforismos sobre o Prazer

Pedro Paulo Vellozo Alonso Azevedo
maio - 1997

KAMA SUTRA

Aforismos sobre o prazer¹

I - INTRODUÇÃO

. Como estudioso me senti atraído pela possibilidade de devotar “uma atenção psicanalítica” sobre essa peça da literatura sânscrita², talvez, com intuito de pesquisa. Me darei por satisfeito se puder compartilhar algumas das idéias até aqui desenvolvidas, sobretudo, compartilhar o aprendizado pessoal. Afinal, o próprio autor, *Mallanaga Vatsyayana*, teve como objetivo básico de divulgar o **Kama** - uma das três grandes metas da vida hindu, que deve ser buscado em harmonia com os outros dois **Dharma** e **Artha** - movido por esse espírito de ensinamento. Ele mesmo declara que “a obra foi escrita exclusivamente para permitir que as pessoas compreendessem o Kama, pudessem usá-lo e desfrutá-lo de maneira apropriada”. Uma compreensão melhor desse clássico das artes do amor, certamente, não é indiferente à psicanálise, muito pelo contrário. O **amor**, pela força de sua essência, não deixa de ser também, a essência da própria psicanálise. Não é por acaso que se esteja em meio a um congresso cujo tema oficial é sobre a sexualidade.³ É, portanto, missão inalienável do psicanalista ser uma espécie de arauto dessa arte-ciência do amor. Seja apontando os elementos agonísticos que a caracterizam e a desenvolvem, seja, por outro lado, indicando as forças que se antepõem a ela. Levando em conta que a Psicanálise - *Ciência do desejo* - aponta o desenvolvimento da sexualidade como um princípio maior para se desfrutar uma vida mais plena e que, ao seu criador e seus seguidores, nunca foi indiferente o papel desempenhado pela literatura sobre o amor, penso que não seria despropositado nem sem valor, uma “atenção psicanalítica” sobre esse clássico mundial das artes do amor. Pretendo demonstrar, me furtando de um impossível

¹ Trabalho apresentado como Tema livre no XVI Congresso Brasileiro de Psicanálise – Sexualidade e Prática Analítica – Gramado 03 de maio de 1997.

² O sânscrito (literalmente, “aperfeiçoado”) era a linguagem dos poucos instruídos.

estudo que esgote o assunto, como essa famosa peça literária e artística, elaborado no terceiro século da era cristã, dá um tratamento a sexualidade que se aproxima muito das descobertas feitas pela psicanálise nesse campo, evidentemente sem o mesmo alcance científico; e que a experiência do aprendizado e do conhecimento que em consequência é gerado, a exemplo de Freud, deve ser buscado quando se tem em mente o aprimoramento pessoal e o desejo de contribuir para o aperfeiçoamento da condição humana. Reforço a sugestão de Vatsyayana, evidentemente apoiado pelas descobertas da psicanálise, de não se tomar nosso traçado voluntário inconsciente como um Destino inescapável. Por fim, avalia-se o preço caro dessa escolha, onde o sujeito é provocado a enfrentar os inevitáveis reveses que certamente esta exposto a sofrer pela ousadia. Ou Seja: suportar ser desalojado dos tetos criados pelas nossas crenças e construções, que ao mesmo tempo que protegem (?) turvam a visão. E usufruir desse “poder ver” sem se cegar pelo súbito clarão de quem abandonou a caverna⁴ vai depender da captura de uma sexualidade que não está nem no corpo nem na mente. Sexualidade da psicanálise que floresce e se encontra como Kama, **entre.**

II - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É sabido que Freud identificava a pulsão básica de vida como Eros (o Kama hindu), em oposição a Tanatos (o deus Shiva)⁵, e descreveu a evolução da civilização como “a luta entre Eros e a Morte, entre a pulsão vital e a pulsão de destruição, que mostra seus efeitos sobre a espécie humana”(SE,vol 21,p.122). Ao especificar Eros como a pulsão vital-libido, Freud nos remete ao conceito clássico de **amor**. “Somos de opinião, portanto, que a linguagem, ao criar a palavra “**amor**”, com todas as suas acepções, desempenhou um papel

³ XVI Congresso Brasileiro de Psicanálise - Gramado - maio de 1997, cujo tema oficial foi sobre “Sexualidade e Prática analítica”.

⁴ Alusão ao Mito platônico da caverna.

⁵ *Shiva* muitas vezes representado como possuindo cinco cabeças que simbolizam a divindade e a onisciência, possuía a terceira visão, olho que geralmente está fechado, pois queima tudo o que fixa. Certa vez reduziu a cinzas o deus do amor *Kama*, por interromper suas meditações. Poderíamos interpretar tal episódio uma

unificador inteiramente justificado, e não podemos fazer nada de melhor do que tomá-la também como base de nossas discussões e exposições científicas. Ao chegar a esta decisão, a psicanálise desencadeou uma torrente de indignação, como se fosse culpada de um ato de inovação ultrajante. Mas não há nada de original em tomar o amor em seu significado mais vasto. Em sua origem, função e relações com o amor sexual, o “Eros” do filósofo Platão coincide exatamente com a força do amor, a libido da psicanálise” (SE, 18, p.91). Portanto, protegido por essas idéias, não estarei fazendo nada mais que tomar o mesmo caminho que fez Platão (427-347 a.C.), Vatsyayana (terceiro século da nossa era), Freud (1856-1939) e talvez muitos outros na história do pensamento. O caminho de tomar o “amor” como base de minha exposição. A “Teoria das idéias” de Platão separava a realidade em duas partes. O mundo dos sentidos onde tudo flui e nada é perene e o mundo das idéias eterno e imutável. O homem platônico é dual. Um corpo que flui e uma alma imortal. Concebia que a alma já existia antes de habitar o corpo. Ao habitá-lo perdia a perfeição. Despertava, então, no homem cujo corpo penetrou um anseio de retornar à sua verdadeira morada. Este desejo, esta saudade, Platão deu o nome de Eros. Um anseio **amoroso** da alma de retornar a casa da eterna e imutável perfeição. O célebre mito de Platão relatado por Aristófanes (445-388 a.C.)- e utilizado por Freud - cabe perfeitamente aqui para dar uma idéia dessa energia de ligação a que se opõe a tendência à destruição (pulsão de morte). A bola andrógina era, portanto, nossa condição inicial, e foi devido a uma brincadeira desastrosa do deus brincalhão, Dionísio, que fomos separados em homens e mulheres. Desde então, só pensamos em recobrar a unidade perdida. Sexo tem a mesma raiz de *secare* (cortar).⁶

Da mesma forma que Freud, que submeteu seu indiscutível pioneirismo aos poetas⁷, Vatsyayana, já compreendia com mais clareza do que os homens de seu tempo, a importância do prazer físico para o bem estar da alma.

expressão mítica da dinâmica pulsional psicanalítica, pois é Freud mesmo que nos diz: “ a teoria das pulsões é por assim dizer a nossa mitologia. As pulsões são seres míticos, grandiosos na sua indeterminação”.

⁶A origem do mito platônico pode ser encontrado nos *Upanishads* (800 a.C). Freud não afastava a possibilidade da fonte indiana desse mito.

⁷Freud fez justiça ao pioneirismo dos poetas nos caminhos pelo inconsciente quando afirma: “SEJA QUAL FOR O CAMINHO QUE EU ESCOLHER, UM POETA JÁ TERÁ PASSADO POR ELE ANTES DE MIM”. Teve em contrapartida, de certa maneira, o reconhecimento de alguns protagonistas da arte. Cito o genial *Salvador Dalí* que precisou mais tarde que “ LA ÚNICA DIFERENCIA ENTRE LA GRECIA INMORTAL Y LA ÉPOCA CONTEMPORÁNEA ES SIGMUND FREUD, DESCUBRIDOR DEL CUERPO HUMANO, QUE ERA PURAMENTE NEOPLATÓNICO EN LA ÉPOCA DE LOS GRIEGOS Y HOY DÍA ESTÁ LLENO DE CAJONES SECRETOS QUE SÓLO EL PSICOANÁLISIS ES CAPAZ DE ABRIR.” Ou ainda o escritor austríaco *Stefan Zweig* numa carta em 1929 referindo-se a Freud: “CREIO QUE

O *Kama Sutra* - longe de ser um mero manual sexual, ou mais longe ainda da deturpada assimilação ocidental, uma obra obscena ou anedótica repleta de exotismos - é na verdade, uma das tentativas mais antigas e bem sucedidas, que se tem conhecimento, a respeito do relacionamento entre um homem e uma mulher. Mesmo sendo evidente que o ato sexual se encontra no âmago desse relacionamento, esse último, ao ato não se limita. É nesse traspasar, que por meio de um texto científico (*Shashtra*) composto em aforismos (*Sutras*), que se des-cobre esta preciosa peça da literatura sobre o amor, sendo as técnicas descritas uma espécie de gramática que deve ser dominada antes de se obter a fluência. É importante salientar que a mais famosa de todas as posturas da yoga⁸, a postura de Lótus, é citada por Vatsayayana como uma de suas posições. Com o desenvolvimento dos *tantras*⁹ as técnicas da yoga são finalmente combinadas com as práticas sexuais, a serviço da meditação e de uma união com o cosmos. O *Upanishads* - comentários sobre os vedas(800 a.C.) - mostram canções sobre as relações sexuais que comparam o ato sexual a um sacrifício religioso, identificando cada estágio da relação com uma parte do ritual. O mais antigo, o *Brihadaranyaka*, diz:

*Mulher é o fogo do sacrifício,
os lábios da yoni¹⁰ o combustível,
os cabelos a fumaça,
a vagina a própria chama.
A penetração é o relâmpago,
Sensações de prazer as fagulhas.
Neste fogo os deuses oferecem o sêmem-semente,
desta oferenda é que nasce o homem.*

Introduzo nesse momento a importância do conceito de *Rito* [*Do lat. ritus*] que não se restringe as regras e cerimônias a serem observadas numa prática religiosa, chegando mesmo a possuir um sentido jurídico onde representa o Conjunto de leis adjetivas reguladoras do exercício duma ação em juízo, ou seja, um procedimento - *ricito e ríton* - que

A REVOLUÇÃO QUE O SENHOR PROVOCOU EM TODA A ESTRUTURA PSICOLÓGICA, FILOSÓFICA E MORAL DE NOSSO MUNDO É MUITO MAIS IMPORTANTE DO QUE A PARTE MERAMENTE TERAPÊUTICA DE SUAS DESCOBERTAS”.

⁸ Quando a ciência é ensinada em seções separadas o fio central, a yoga, é o jugo que tudo une.

⁹ Literalmente “teares”, são uma série de textos. Todos os tantras usam como base *mantras e yantras*, ou diagramas místicos, para a meditação. O objetivo final é idêntico ao da yoga: iluminação e libertação do renascimento.

¹⁰ Os órgãos sexuais femininos.

são as formas a que está subordinado o cumprimento dos atos e trâmites do processo. Então rito é processo, método, modo de proceder, de portar-se, lei. Os ritos são práticas consagradas pelo uso e/ou por normas, e que devem ser observadas em ocasiões determinadas. Portanto quando os Vedas vinculam as práticas sexuais a ritos religiosos estão, no meu entender, nada mais que sugerindo que a sexualidade entre os civilizados deve observar normas consagradas, aclamadas. Portanto uma lei. Mas, e isso é fundamental, uma lei elegida, preferida, não imposta sem conclamação. Esses ritos ao abrirem espaço as práticas sexuais tidas normais e perversas, acabavam por salvaguardar os valores civilizatórios. Voltarei a essa questão adiante. Procurei selecionar dois sutras que mostram com que autoridade Vatsyayana aborda as práticas ditas perversas. Seu respeito ao privado e ao coletivo.

*Os shastras podem aconselhar com sensatez
em quase todas as questões sexuais,
mas se em dúvida estiver, respeite
as convenções de tempo, costume e lugar;
na própria consciência se apoie.*

*Como tais coisas na intimidade se fazem
e são mantidas em segredo absoluto,
como paixão sobre a razão predomina,
quem pode saber o que alguém fará,
por quê, como, onde, quando, com quem?*

O Kama Sutra é um estudo extenso e de grande profundidade. Compõe-se de sete livros - *meditações; ato do amor; a corte; casamento; as esposas de outros homens; cortesãs; afrodisíacos e encantamentos* - integrando, cada um, os mais variados temas. Optei, para esta apresentação, abordar alguns pontos do primeiro livro(*Meditações*).

III - DOS ENSINAMENTOS DE AMOR, DA TRÍPLICE BUSCA, DA PSICANÁLISE:

Kama, que é o nome do deus do amor hindu, significa “prazer”. Não apenas o prazer sexual *stricto sensu*, mas no seu sentido mais amplo - psicosexual - como trabalhou Freud. Portanto, deve ser procurado juntamente com os outros dois *Dharma e Artha*. *Dharma*, da raiz sânscrita *dhru*, “conservar”, é o dever moral, social e religioso. Significa agir de acordo com os ensinamentos espirituais, as leis da sociedade e a própria natureza e consciência (*gewissen/consciência moral*). *Artha* é o dever de acumular riqueza e bens materiais em benefício da família.¹¹ O conhecimento e o ofício (riqueza intelectual) fazem parte do *Artha*. Sua prática deve ser sempre temperada pelo *Dharma*, senão vira puro oportunismo.

*Dharma é a raiz
da qual nasce o Artha
e floresce o Kama;
cada palavra neste Kama Sutra celebra
o Dharma e o Artha no Kama*

*O homem, que o mais viver é de cem anos,
O Dharma, Artha e Kama deve procurar
em diversos meios, em diversos tempos,
ao que os sábios dizem,
para três caminhos não seguir ao mesmo tempo.
Em geral, como o Dharma é a raiz,
que se ponha o Dharma
antes do Artha, o Artha antes do Kama.*

Da tríplice busca

*Artha, kama, Dharma:
homem ou mulher que aos três conhece
age de corpo, mente e alma,
sempre aqui e agora,
é feliz neste mundo e no outro.*

Esses aforismos revelam de forma inequívoca essa dimensão mais ampla que Vatsya dá a sexualidade - “o *Dharma e o Artha no Kama (...)* age de corpo, mente e alma”

¹¹ Freud salientou que *Eros e Ananke* (amor e necessidade) se tornaram os pais da civilização.

- Dimensão que aproxima seus sutras muito mais da psicanálise do que da sexologia. A tradição hindú que concebeu o Kama Sutra considera o corpo humano como um vetor para expressar a espiritualidade, conceito avesso à cultura ocidental que durante séculos o tem como algo na esfera do pecado, do ilícito. O sexo é celebrado como um sacramento e os templos por toda a Índia com sua arte erótica dão testemunha disso¹². Já mencionei anteriormente o quanto esse sexo celebrado como sacramento era oportuno, pois oferecia na época uma regulação que era motivada por um senso comum de limites. Ritos cuja inspiração era resultado de um conhecimento assimilado, ao contrário da cultura repressiva que estimula-se pela ojeriza. O corpo, ao contrário do encobrimento moralista e pudicista, passa a ser objeto de um trato reverencial, o que na verdade não deve ser surpresa para os psicanalistas, afinal, o ego da psicanálise é sobretudo corporal. Tendo talvez na mente a sábia expressão de que *o órgão sexual mais potente é o cérebro*, Freud, já em 1904, denunciava a redução da psicanálise a uma sexologia. Essa última não valoriza o que a psicanálise tem como fundamento - o Inconsciente. Ao dar uma dimensão ampliada à sexualidade, articulando a subversiva sexualidade infantil polimorfo-perversa, a dita sexualidade normal e as perversões adultas, Freud revolucionou as concepções da psicopatologia sexual, até então, biologizantes (do furor asséptico e reprodutivo) e preconceituosas (inquisidora de aberrações, anomalias e degenerescências). Os sexólogos, de um modo geral, continuam cegos para o inseparável vínculo dos processos mentais inconscientes com o campo da sexualidade. Persistem surdos para as palavras de Freud que observa “a aversão que o neurótico testemunha pela sexualidade, sua incapacidade de amar, esse traço psíquico a que chamei recalçamento” (Freud, 1904). Vatsayayana ao defender a necessidade de ensinamentos do Kama e de sua prática, deixa antever a importância fundamental da vida sexual na libertação do homem, referindo-se também a essa aversão neurótica pela sexualidade.

Falácia

*Ao que alguns mestres dizem
é preciso textos sobre o Dharma e Artha
por serem de apreensão difícil,
mas se até os animais da selva fazem amor
não há por que do Kama escrever livros.*

Resposta

*O Kama pode ser aterrador
aos de medos arraigados,
inibições profundas.
Ensinar o amor liberta homens e mulheres
para aceitar sem medo as emoções alheias.¹³*

¹² Os templos foram erigidos em homenagem ao casamento de *Shiva* e *Parvati*, de cuja união nasceu a energia cósmica. *Mithun* é uma palavra sânscrita que significa união sexual.

¹³ Entendo como uma referência que o autor faz do outro, sem o qual não é possível a eficácia do eu.

Falácia

*Há quem pratique o Dharma e Artha,
ao Kama mandando ignorar,
porque ascetas,
cuja vida os Vedas sancionam,
as costas viraram ao prazer.*

*Homens que os prazeres buscam, dizem eles,
a sensualidade e o pecado encontram;
com a ralé se misturam,
ao crime são levados,
acabam desprezados, a sociedade os repudia.*

*Homens escravizados à paixão sexual
acabam também arruinando suas famílias ...*

Resposta

*Maior absurdo não pode haver, pois o sexo
é tão vital para o corpo quanto água e comida
e deve ser buscado com a mesma inocência.
Vatsyayana diz que o Kama
é flor e fruto do Dharma e Artha*

O conceito de destino nunca passou despercebido ao gênio abrangente de Freud. Sua obra científica faz diversas menções, chegando mesmo a conceituar o destino em termos psicanalíticos. Em 1914 na “*História do movimento psicanalítico*” quanto ao destino de sua própria ciência. Em 1916 nas “*Conferências Introdutórias*” quando a cerca das Parapraxias nos fala a respeito de certos extravios ou perdas, onde coisas podem estar condenadas a serem perdidas mesmo sem terem perdido os seus valores. Estariam sacrificadas ao “Destino” afim de se proteger, na realidade, uma outra perda que se teme, estando o destino exorcizado a encobrir um sacrifício voluntário. Em 1919 em “*Uma criança é espancada*” quando aborda o inevitável destino do recalque que estão condenados os amores incestuosos, exemplificada no papel desempenhado pelo destino no mito de Édipo. Em 1920 em “*Além do princípio de prazer*” onde pessoas repetem experiências, sob a pressão de uma compulsão, a despeito de serem desprazerosas. Nos diz: “a impressão que dão é de serem perseguidas por um destino maligno (...); a psicanálise, porém, sempre foi de opinião de que seu destino é, na maior parte, arranjado por elas próprias e determinadas por influências infantis primitivas. A compulsão que aqui se acha em evidência, não difere em nada da compulsão à repetição que encontramos nos neuróticos(...). Grande parte do que poderia ser descrito como compulsão de destino parece inteligível numa base racional(...). Em 1923 em o “*Ego e o Id*” aproxima a idéia de destino das relações dependentes do ego com o superego, onde o próprio ego se abandona porque

se sente odiado e perseguido pelo superego, ao invés de amado. “O superego preenche a mesma função de proteger e salvar que, em épocas anteriores, foi preenchida pelo pai e, posteriormente, pela Providência ou Destino. Em 1924 quando de seu trabalho “*O Problema econômico do masoquismo*” lembra mais uma vez que a última figura na série iniciada com os pais é o poder sombrio do Destino e diz: “ pouco há que dizer contra o escritor Multatuli, quando substitui o Destino dos gregos pelo par divino Razão e Necessidade, mas todos os que transferem a orientação do mundo para Providência, Deus, ou Deus e a Natureza, despertam a suspeita de que ainda consideram esses poderes supremos e remotos como uma dupla parental, num sentido mitológico, e se acreditam vinculados a eles por laços libidinais. Em o Ego e o Id fiz uma tentativa de derivar o temor realista que a humanidade tem da morte, também da mesma visão parental da sorte. Parece muito difícil libertar-se dela”. Em 1927 em “*O Futuro de uma Ilusão*” volta a registrar que da mesma forma que para a humanidade em geral, também para o indivíduo a vida é difícil de ser suportada. Juntamente com a privação imposta pela civilização, os sofrimentos infligidos por outros homens, tem-se os danos que a natureza inexoravelmente impõe - “o que ele chama de Destino. (...) O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão; exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs”. Então, no que diz respeito aos destinos, persistia a suspeita de que não era possível, nem para os deuses, remediar o desamparo da raça humana. Criação dos próprios deuses, o Destino e seus desígnios tornam-se inescrutáveis: “Alvoreceu a noção (...), de que *Moira* (*O Destino*) alçava-se acima dos deuses e que mesmo estes tinham os seus próprios destinos”. Com a crescente autonomia da natureza da anterior jurisdição dos deuses, ficaria no domínio da moralidade o campo crucial da ação desses. E é nesse território da moral que vai se dar a atuação do que se convencionou Superego. Em 1930 no trabalho “*O Mal-estar na Civilização*” nos mostra Freud que esse campo ético-moral já tão repleto das intrínsecas dificuldades apresenta ainda a questão da frustração externa, que ele nesse momento chama de *má sorte*. Essa última intensifica a consciência no superego. Pois quando as coisas correm bem a consciência parece se abrandar permitindo ao ego mais liberdade, no entanto, diante do infortúnio, impõe-se ao sujeito sujeito que, reconhecendo sua pecaminosidade culposa submete-se a abstinência e a infundáveis penitências como castigo. Esse comportamento que envolve povos inteiros é para Freud “facilmente explicado pelo estágio infantil original da consciência, o qual, como vemos, não é abandonado após a introjeção no superego, persistindo lado a lado e por trás dele. O Destino é encarado como um substituto do agente parental. (...) Esse fato se torna especialmente claro quando o Destino é encarado segundo o sentido estritamente religioso de nada mais ser do que uma expressão da vontade de Deus. Em 1928 em “*Dostoievski e o Parricídio*” volta mais uma vez ao tema ao frisar que ao recalcar o ódio pelo pai em meio ao complexo de Édipo não se esgota suas conseqüências. A identificação com o pai - ou o representante desse, a lei - finalmente se aloja para sempre no ego. Estabelece -se como um agente separado em contraste com o restante desse ego. “Damo-lhe então o nome de superego e atribuímo-lhe, como herdeiro da influência parental, as funções mais importantes. Se o pai foi duro, violento e cruel, o superego assume dele esses atributos (...). Uma grande necessidade de punição se desenvolve no ego, que em parte se oferece como vítima ao destino (...). Mesmo o Destino, em última instância, não passa de uma projeção tardia do pai”. Freud, um grande leitor, apontou em *Édipo, Hamlet, nos Irmãos*

Karamassovi e em muitas outras obras literárias que apreciou, o movimento do inconsciente na trama dos personagens sob a forma de uma compulsão por parte de um destino que lhe parece estranho. Trama onde o herói não faz qualquer tentativa para eximir-se, entregando-se inexoravelmente a compulsão do destino que o apanha indefeso.

É surpreendente observar que em diversos aforismos, ao falar da necessidade de praticar o *Artha*, Vatsyayana, parece defender a idéia de um eu autônomo, forte e integrado. Estruturado para conduzir os acontecimentos. Contrário ao ideário fatalista que deposita no destino sua sorte. Destino que expressa uma espécie de construção supereu/ ideal de eu, que num processo de identificação coletiva se transforma em algo a ser temido (ódio) ou buscado (amor). Ao sujeito fadário, que acredita no destino talhado por poder superior (superegóico) antepõe um Eu controlado que se confunde com o próprio conceito de destino. É o “quem sabe faz a hora não espera acontecer” do compositor Geraldo Vandré, ou ainda, a máxima do Barão de Itararé: “dessa vida o que se leva é a vida que se leva”.

Falácia

*O fatalista julga inútil
se esgotar na busca da riqueza -
por mais que sue, a maioria pobre fica,
enquanto outros enriquecem sem trabalho -
a filosofia dele acaba em “que será, será”.*

*Lucro ou prejuízo, derrota, sucesso,
sofrimento e prazer, alega ele,
São pontos nos dados do destino;*

Resposta

*O destino não descansa à sua espera,
com você está, aqui e agora;
não é a estrada em que se anda, é o andar.
Amigo ou inimigo, ao seu nome
sempre atende ... pois você é o destino.*

*Controle o Eu, e o destino
em você há de agir, querer na sua vontade,
descerrar o universo interior,
Mas até o destino de um empurrão precisa ...
deixe o fatalista atribuir seu fado ao fado.*

Volto agora a vedete de nossas reflexões, o *Kama*:

*Kama é a delícia do corpo, mente e alma
em suave sensação.
Despertos olhos, nariz, língua, ouvidos, pele,
entre o senso e o sentido
floresce a essência do Kama.*

É, portanto, no território entre o senso e o sentido, entre o entendimento e a sensação, entre o juízo e a sensibilidade - dialética da própria pulsão **entre** o psíquico e o somático - que floresce a essência do prazer.

Ressaltei, no início deste trabalho o liame essencial da sexualidade com a psicanálise. Se é possível a existência da sexualidade sem a psicanálise, o contrário é irrealizável. Essa inexequibilidade é que confere a psicanálise o direito de ser denominada “*ciência do desejo*”, sendo seu destino o mesmo da pulsão sexual. Encontrei num dos artigos mais brilhantes que tive, ultimamente, o prazer de ler, o respaldo necessário. Me refiro a “*Berggasse 19, Viena*” do Rouanet.

Lembra a descoberta feita pela psicanálise de que a alienação psíquica faz com que o homem não esteja em casa em sua própria alma, e, que esse é também o destino da própria psicanálise enquanto disciplina, “Ela não se limita a pensar um homem sem teto: mimese do seu objeto, ela é em si um pensamento sem casa”(…) A psicanálise não está em casa nem no corpo, nem na mente. O conceito central da psicanálise, a pulsão, ilustra esse não-pertencimento a qualquer dos dois registros (...) o saber científico da pulsão, é duplamente extra-territorial, pois se situa fora do campo tanto da biologia como da psicologia”. Prossegue mostrando que a psicanálise não está em casa nem na natureza, nem na cultura. Nem na teoria nem na prática. Não está na normalidade nem na patologia, onde vive um exílio duplo: “expulsa da clínica por sua cumplicidade com a doença, e da doença pelo fato de constituir uma instância que julga e condena a patologia”. E termina de forma luminar: “Daí, em suma, a irrelevância e a inocuidade das diferentes críticas à psicanálise - ela sai sempre incólume, porque é sempre atacada nas casas em que não está”.

Freud vaticinou que essa seria a direção de sua própria criação. Num curso mimético ao do objeto de sua ocupação, a alienação psíquica, a psicanálise estaria condenada a “ser resistida”, desalojada pela sua natureza essencialmente subversiva. E fez ao longo de sua vida, numa espécie de científico desabafo, várias referências ao destino da jovem ciência. Destino inexorável, ao qual nada podia fazer para evitar. Dos mais elouquentes contava 71 anos: “Sou a única pessoa a quem essa publicação¹⁴ pode prejudicar. Serei obrigado a ouvir as mais desagradáveis censuras por causa de minha superficialidade, estreiteza de espírito e falta de idealismo ou compreensão dos mais altos interesses da humanidade. Por um lado, porém, tais admoestações não são novas para mim, e, por outro, se um homem já aprendeu na juventude a se sobrepor à desaprovação de seus contemporâneos, que lhe pode ela importar na velhice, quando ele está certo de que em breve se achará além do alcance de todo favor ou desfavor?”. Então, lhe ocorre que tal publicação poderia atingir não a uma pessoa, mas a uma causa. Ou seja, a causa da psicanálise: “não se pode negar que a psicanálise é criação minha e que se deparou com

¹⁴ Refere-se a *O Futuro de uma Ilusão*.

muita desconfiança e má vontade. (...), as pessoas estarão prontas a efetuar um deslocamento de minha pessoa para a psicanálise (...). A psicanálise porém, já enfrentou muitas tempestades e terá agora de arrostar mais essa”. Acredito que apesar de intuir, não tinha Freud, naquela ocasião, os elementos para se convencer de que não só a psicanálise resistiria a mais aquela tempestade, como estaria *destinada* a suportar todas as demais intempéries. Pois se de um lado é seu Destino ser criticada, de outro, está fadada a sair sempre ilesa. Estigma de sua própria gênese transforma-se num pensamento sem teto, “mal de origem” que ao desalojá-la de casa tornam inócuos os infindáveis ataques.

Registro em oportuno uma experiência pessoal que ilustra bem essa animosidade para com a psicanálise, que segue dessa forma seu Destino: *Me encontrava numa mesa de debates onde se discutia sobre tratamento dos sintomas psíquicos. Meu opositor psiquiatra, que não era absolutamente despreparado, afirma em tom de ufanismo: “No dia em que a psicofarmacologia controlar inteiramente os sintomas psíquicos, o que não está longe, a psicanálise estará acabada!”*. Tendo recebido do organizador o direito para responder, tudo que fiz foi concordar e complementar: *“sim, a psicanálise estará acabada, assim como toda a civilização!”*.

IV - CONCLUSÕES

Procurei apresentar nesse trabalho, inspirado pela experiência do aprendizado, como o *Kama Sutra* salvo de uma assimilação desfigurada, constitui um importante tratado sobre a ciência e a arte do amor, que não pode escapar do interesse da psicanálise. A começar pelo fato de que seu autor **Mallanaga Vatsyayana**, fortemente alicerçado sobre a milenar cultura védica, aborda a sexualidade de uma maneira que se aproxima da visão psicanalítica. Trata dos assuntos sexuais despido da hipocrisia que denunciou Freud ainda no século passado em *A sexualidade na etiologia das neuroses (1898)*¹⁵, pois consegue falar com honestidade e clareza de temas tabus cercados, normalmente, de profunda obscuridade quando não condenados ao ocaso ou mesmo ao total desaparecimento. Sumiço que abriu um abismo de incompreensões e que, de certa maneira, criou as condições culturais para o surgimento da psicanálise. E é com essa maneira franca e clara de tratar a sexualidade que percebe Vatsyayana sua dimensão ampliada que configura, metaforicamente, a própria psicosexualidade psicanalítica. O *Eros* do filósofo Platão, o *Kama* de Vatsyayana e a *libido*, força do amor da psicanálise. Da

¹⁵ “além do mais, é do interesse geral que um mais alto grau de honestidade quanto às coisas sexuais se torne um dever entre homens e mulheres mais do que se tem esperado até agora (...). Em matéria de sexualidade somos todos, no momento, doentes ou sãos, nada mais que hipócritas”.

mesma forma que Freud que com suas pesquisas descobre a etiologia sexual das neuroses, Vatsya brada a impossibilidade da saúde mental onde tem-se uma sexualidade alijada. Alcançar o equilíbrio e com isso a serenidade era especialmente importante nos rituais tântricos. Ritos que procurei enaltecer como procedimentos que proporcionavam uma regulação eficaz, pois ao abrir espaços para as práticas sexuais ditas normais e perversas, salvaguardava os valores mais elevados daquela civilização, ao contrário das normas repressivas que ao condenarem o prazer, geravam além do terror, as doenças nervosas que acabavam por botar em desgraça os próprios valores colimados pelos educadores, e que acabaram sendo objeto de estudo da ciência psicanalítica. Freud é bastante explícito nesse ponto quando de seu trabalho de 1913 *O interesse científico da psicanálise*. Ao final do livro VII do Kama Sutra quando da *benção de Vatsyayana* os sutras mostram essa visão ampliada da sexualidade para o autor entendida como a tríplice busca, que cito aqui para ilustrar minhas inferências.

*Depois de recolher e estudar as obras
dos grandes mestres do amor,
a acurácia do que dizem constatar,
este **Kama Sutra** foi escrito
como um sumário da ciência do amor.*

*Se você aprendeu a essência desta obra,
jamais vai permitir que o desejo
ou emoções o impeçam de buscar
Dharma, Artha e Kama,
a sua consciência e as leis da sociedade.*

***Kama Sutra** fala de todas as práticas sexuais,
as naturais e as pervertidas,
mas cada sutra no contexto se entenda:
o autor se empenhou em indicar
que técnicas se deve condenar.*

*Um trabalho assim deve ser útil
a homens e mulheres de todas as nações.
Nem todas as técnicas a todos servirão:
abraia e use apenas
o que em sua terra é natural.*

*Somente absorvendo a essência do **Kama Sutra**
e toda a ação no **Dharma** enraizando,
você pode desfrutar do **Artha** e **Kama**,
aprender a viver feliz com os outros,
os sentidos acalmar, a paz encontrar.*

*Se você é sábio e usa o **Kama Sutra**
tendo em vista o **Dharma e Artha**,
não se deixa dominar por desejo ou paixão,
há de conhecer a perfeita felicidade:
esta é a minha promessa.*

Abordei como o Kama Sutra enaltece a integração egóica colocando para o sujeito a responsabilidade sobre seu destino. Parece sugerir, como posteriormente a psicanálise pode demonstrar, um *determinismo psíquico* cuja tendência natural é atribuí-lo ao Destino. Deixando antever, como Freud declarou, que na vida psíquica nada ocorre por acaso, Vatsya tem como falácia essa inversão. Acredita que o sujeito atribui a forças externas aquilo que lhe é interno. Nesse movimento cria um espaço interior de reflexão que nos parece os eternos confrontos eu/supereu. Procurei sedimentar minhas conclusões apresentando as diversas referências de Freud sobre o assunto.

Registro ao final que a essência do prazer representada nesse vigoroso estudo como *Kama* encontra-se no território extraterritorial da pulsão. *Entre o senso e o sentido floresce a essência do Kama*. Tem, portanto, sua brotação no espaço dialético virtual da própria pulsão *entre* o psíquico e o somático.

A partir desse ponto temos uma espécie de reação encadeada de conclusões: Ao se debruçar sobre a alienação psíquica a psicanálise faz a descoberta de que nesse estado o homem não se encontra em casa em sua própria morada anímica. Ao fazer essa revelação percebe que será esse seu destino enquanto ciência. Não por aliar-se ao alienado, mas por compreender que não é possível erradicar essa alienação sem um certo “convívio” com ela. Ao fazer esse movimento que rejeita a unilateralidade, no sentido de tornar a hospedar o homem existencial desalojado, a psicanálise rejeita o furor clínico do sanar. Seu conceito crucial, a pulsão, alicerça o seu não pertencer. O de se furtar a possuir uma *Weltanschauung*¹⁶. Em 1926 em “*Inibições, Sintomas e Angústia*” ao tentar reconciliar o reconhecimento que fazia do poderio do ego, que contrastava nitidamente com sua fragilidade apresentada em “*O Ego e o Id*”(1923) falou da repercussão que seu atual ponto de vista teve sobre a literatura psicanalítica: “exibem forte tendência para transformarem o que eu disse em pedra angular de uma *Weltanschauung* psicanalítica”. Alerta, contudo, que o psicanalista deve estar impedido de adotar posições tão extremas e unilaterais, deixando essa tarefa para os filósofos. Ironiza que esses “manuais de vida” ficam logo desatualizados exigindo novas edições. E que até mesmo os mais atualizados não escondem seus limites. Limites que a psicanálise não procura ocultar. Nos diz: “*o viajante surpreendido pela noite pode cantar alto no escuro para negar seus próprios temores; mas, apesar de tudo isto, não enxergará mais que um palmo adiante do nariz*”.

¹⁶ Uma concepção psicanalítica do universo ou universal. Uma idéia completa.

Admitindo minha própria escuridão que pode até, e essa é a idéia, me trazer alguma luz, concluo que a sexualidade da psicanálise segue o mesmo caminho de sua ciência. Neste momento me sinto autorizado para afirmar que **a sexualidade da psicanálise é essa sexualidade sem teto, que não está no corpo nem na mente. Que floresce e se encontra, como Kama, ENTRE.**

Referências Bibliográficas

- Freud, Sigmund, **“Sobre a psicoterapia”**, Ed. Imago, Vol. VII, RJ, 1969.
- Freud, Sigmund, **“A História do Movimento Psicanalítico”**, Ed. Imago, Vol. XIV, RJ, 1969.
- Freud, Sigmund, **“Conferências Introdutórias sobre Psicanálise”**, Ed. Imago, Vol. XV, RJ, 1969.
- Freud, Sigmund, **“Uma criança é espancada. Uma Contribuição ao Estudo da origem das Perversões sexuais”**, Ed. Imago, Vol. XVII, RJ, 1969.
- Freud, Sigmund, **“Além do Princípio do prazer”**, Ed. Imago, Vol. XVIII, RJ, 1969.
- Freud, Sigmund, **“Futuro de uma ilusão”,
“Mal estar na civilização”
“Dostoievski e o Parricídio”**, Ed. Imago, Vol. XXI, RJ, 1969.
- Freud, Sigmund, **“O Ego e o Id”
“O Problema Econômico do Masoquismo”**, Ed. Imago, Vol. XIX, RJ, 1969.
- Gaarder, Jostein, **“O mundo de Sofia - Romance da história da filosofia”**, Ed. Cia das letras, RJ, 1995.
- Hanns, Luiz, **“Dicionário comentado do alemão de Freud”**, Ed. Imago, RJ, 1996.
- Hooper, Anne, **“Kama Sutra - Las técnicas clásicas reinterpretadas para los amantes de hoy”**, Editorial Diana, Mexico, 1995.
- Karman, Graciela, **“Eros em Khajuraho”**, Ícaro, Revista Varig, n.150.
- Kaufmann, Pierre, **“Dicionário Enciclopédico de Psicanálise - O legado de Freud e Lacan”**, Jorge Zahar editor, RJ, 1996.

Laplanche / Pontalis, “**Vocabulário da Psicanálise**”, Ed. Martins Fontes, SP, 1985.

Néret, Gilles, “**Salvador Dalí, 1904-1989**”, Ed. Ever Green, Amsterdam, 1994. Traducción: Carlos Caramés, Colonia, Espanha.

Rouanet, Sérgio Paulo, “**Berggasse, 19, Viena**”, Jornal do Brasil, sábado, 14/12/96, RJ.

Siméon, Michel and Ariel, Robert, “**Freud. A aventura Psicanalítica**”, Ed. Nova Fronteira, RJ, 1977.

Vatsayayana, Mallanaga, “**Kama Sutra - lições de amor**”, Tradução da London Editions Ltd. Tradução para o português, A.B. Pinheiro de Lemos, Ed. Record, RJ.

Kama sutra
Aforismos sobre o Prazer

— Monografia a ser apresentada à Comissão de Avaliação do Instituto de Ensino da Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro para obtenção do título de Membro Associado.

Rio de Janeiro
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro
junho de 1997

Dedicatória:

– À minha mulher *Vânia* que ao me presentear com um belíssimo exemplar do *Kama Sutra*, Símbolo incontestável do estímulo ao amor, inspirou toda a minha escolha.

– Aos meus filhos *Tiago e Fernanda* por simplesmente existirem.

Agradecimentos:

- À Dra. Clara Helena Portella Nunes, em primeira acolhida.
- Ao Dr. Sergio Cyrino da Costa, ponte de insustentável leveza.
- Ao Dr. Moisés Tractenberg, artífice-operário do caminho psicanalítico.
- À Dra. Maria Pereira Manhães, fada madrinha de um conto de doçura embebido em sagaz “saliência”.
- Ao Dr. Wilson de Lira Chebabi, inspiração inquieta de serena sabedoria.

Resumo:

Meu estudo se constrói em torno da importância, para o aprimoramento da condição humana, do **aprendizado** e do **conhecimento** que em consequência é gerado. Tendo em conta que a Psicanálise - **Ciência do desejo** - aponta o desenvolvimento da sexualidade como o princípio maior para se desfrutar uma vida mais plena, torna-se uma oportunidade primorosa devotar uma “atenção psicanalítica” sobre esse clássico mundial das artes do amor. Escrito no terceiro século da era cristã pelo misterioso sábio VATSYAYANA, o **Kama Sutra** é na verdade, uma das tentativas mais antigas e bem sucedidas, que se tem conhecimento, para detalhar o relacionamento entre um homem e uma mulher. Mesmo sendo evidente que o ato sexual se encontra no âmago desse relacionamento, esse último, ao ato não se limita. E é nesse transpassar, que por meio de um texto científico (SHASTRA) composto em aforismos (SUTRAS), se des-cobre essa preciosa peça da literatura sânscrita. Kama, o Eros hindu, significa prazer. Não apenas o prazer sexual *stricto sensu*, mas no seu sentido mais amplo - psicosexual - como trabalhou Freud. Da mesma forma que o pai da psicanálise, que submeteu seu indiscutível pioneirismo aos poetas, Vatsyayana, já compreendia com mais clareza do que os homens de seu tempo, a importância do prazer físico para o bem estar da alma. Nas palavras do próprio Kama Sutra:

*“Kama é a delícia do corpo, mente e alma em suave sensação.
Despertos olhos, nariz, língua, ouvidos, pele,
entre o senso e o sentido floresce a essência do Kama”.*

É portanto no território **entre** o senso e o sentido, **entre** o entendimento e a sensação, **entre** o juízo e a sensibilidade - dialética da própria pulsão **entre** o psíquico e o somático - que floresce a essência do prazer.

Sumário:

I - INTRODUÇÃO - pág. 02

II - CONSIDERAÇÕES INICIAIS - pág. 03

III - DOS ENSINAMENTOS DE AMOR, DA TRÍPLICE BUSCA, DA PSICANÁLISE - pág. 07

IV - CONCLUSÕES - pág. 14

Petrópolis, 15 de junho de 1997.